



O CON* DOR

BOLETIM INFORMATIVO

ANO XI

NÚMERO 5

Set-Out/2006

RECORDAR É VIVER

Solenidade de Entrega do Espadim



Na primeira aula de ordem unida, com o 7º Uniforme + camicola, observava-se a descoordenação de alguns. Destacam-se pela elegância o Guido Barreto e o Reynaldo Felicíssimo (1º e 2º da 1ª coluna, à esq. na foto).

Início de 1960: A grande expectativa dos cadetes do 1º ano era receber o espadim - “símbolo da honra militar”, também motivo de orgulho dos novos aviadores, cujo brevê já haviam conquistado no final do 3º ano de BQ, no rigoroso Estágio de Seleção de Pilotos Militares (SPM). A solenidade de entrega do espadim estava programada para julho, no aniversário da Escola de Aeronáutica. Mas, estava previsto um dispositivo especial de formação de uma asa, idealizado pelo Cap. Martinho, o mais antigo dos oficiais de Infantaria. Nosso inesquecível instrutor era “um paizão”, que sabia lidar com seus pupilos. O desfile em que os cadetes, ao marcharem, elevavam os braços até a altura do ombro do companheiro à sua frente fora, também, uma inovação sua, aprovada pelo Comando. As fotos, cedidas pelo Schubnell, mostram o início e o desfecho daquela importante conquista dos integrantes da Turma.

Vida de Bicho

O Dr. Danilo Cubas afirma que a vida de bicho em Barbacena pode ser maravilhosa. E enviou-nos uma foto para comprovar que os bichanos recebem, como sempre, amor, carinho e dedicação. Vida maravilhosa? Como sempre? Vamos conferir na página 3.

Nas Aerovias

As maiores dificuldades dos alunos do SPM residiam em tentar descobrir como lidar com os instrutores. O fato é que, no nosso tempo, uns e outros não sabiam tratar dignamente seus alunos, ou por não terem vocação, ou por “não terem saco”, ou por terem sido designados “na marra” para a missão (ou tudo junto).



Com o 1º Uniforme – gala, nossos colegas seguram firme os espadins que acabaram de receber. Postam-se no dispositivo para assistirem ao desfile do Corpo de Cadetes, em sua homenagem.



Jubileu de Duro - Quinta Chamada

Estamos a 100 dias da “Festa da Volta” – o grande Encontro dos 50 Anos; nesse Encontro tudo será permitido: usar cabelos compridos (os que ainda tiverem), barba e bigode de Papai Noel; também serão permitidas performances, do tipo campeonato de barrigas, concurso de surdez, lapsos de memória, etc. E ninguém vai ter que justificar falta com o Dário. Só não será permitido deixar deliberadamente de comparecer.

O Arauto da Turma (57-58 Horta)

FATOS PITORESCOS



Nas salas de aulas passamos a maior parte da instrução, chamada de ensino fundamental. Diariamente, tínhamos seis tempos de aulas e dois de estudo obrigatório (à noite), ou quatro tempos de aulas e quatro de estudo obrigatório (dois à tarde e dois à noite). As carteiras eram tipo baú, onde guardávamos o material escolar. Alguns guardavam revistas, papel de cartas, correspondência pessoal, fotografias e outros pertences. Mas todos nós guardamos em nossa memória os bons e maus momentos vividos em sala de aulas. Ao revivê-los neste espaço, constataremos que foram todos momentos muito felizes.

O apagador e suas múltiplas utilidades

A carteira foi uma novidade para muitos. De excelente qualidade, era firme, com altura adequada e muito prática, pois pouca coisa precisávamos carregar conosco. O quadro-negro verde era uma outra novidade. Mas o apagador, aquele bem simples, de madeira e feltro, conhecido de todos, tinha utilidades até então desconhecidas. Quando calouros, descobrimos que, além de apagar o quadro, era “equipamento fotográfico” para os veteranos. No estudo obrigatório da noite, sempre aparecia um bossal para “fotografar” uns e outros. Mandava um bicho apagar o quadro, juntar o pó em um canto da calha e soprá-lo no rosto de um colega, que se agachava no local indicado “fazendo pose”. Um dia, um aluno jogou o apagador na direção de um colega, dizendo: “Descontraí!”. Este espalmou o “apagador-bola”, que foi quicar na cabeça do Furtado (57-23), causando-lhe pequenino ferimento no couro cabeludo (ou seja, couro raspado). O sangramento, embora pequeno, não parava nem com um curativo feito no Posto Médico, tendo o enfermeiro de chamar o médico de sobreaviso para cuidar do Furtado. O problema de coagulação decorria de redução de plaquetas, resolvido, em algumas semanas, com a medicação apropriada. A brincadeira de mau gosto com o apagador evitou mal maior, podendo ser considerado um “preventivo medicinal”. No 2º ano, nas aulas de Física do Prof. Boratto, o apagador era utilizado como ajuda de instrução, podendo ser um “avião”. O mestre segurava-o bem à vista da audiência e dizia: “Isto aqui é um avião. Muito bonito, mas não voa.” E explicava sobre as forças que faziam o avião voar. Poderia ser um “calorímetro de Bunsen”, segundo ele, “muito bonito, mas não funciona”, pois teria de ser fabricado de tal maneira, com sais de prata, etc.

O Xerife da Turma

Assim era chamado o Chefe de Turma, escalado para uma interminável semana, com a missão de conduzir, em forma, seus colegas aos locais de instrução - salas de aulas, laboratórios de Química e Física, pátios para ordem unida e paradas, praça de esportes para educação física e auditório para palestra. Era o mais difícil serviço de escala. Podem imaginar? O Xerife não poderia

permitir que os colegas se mexessem ou falassem em forma; teria de exigir deslocamentos marchando com garbo varonil; exigir comportamento adequado nos tempos de estudo obrigatório (aí pegava, como comentaremos a seguir). De segunda a quarta-feira, era motivante o desafio, considerado pelo Comando como um excelente exercício de liderança. Na quinta-feira, os alunos começavam a ficar inquietos; na sexta e no sábado, ficavam incontroláveis. Virou rotina o Xerife ser punido por não manter a disciplina da Turma. Quando ele dava parte dos colegas bagunceiros, uns “entubavam”, assumindo a responsabilidade dos seus atos; outros se revoltavam, achando que houve abuso de autoridade e até mesmo “entregação”. Mas estes seriam contemplados, em algum momento, com a semana fatídica; e estes, sim, viriam a demonstrar atitudes autoritárias. Quanta imaturidade! Nota 1: No Campo dos Afonsos, dois ou três anos depois, tudo mudou: O Cadete de Dia e o Chefe de Turma eram investidos de autoridade e, como tal, respeitados pelos colegas; todos cumpriam sua missão com tranquilidade e eficiência.

O famigerado estudo obrigatório

Toda vez que alguém se refere a estudo obrigatório, emprega o adjetivo famigerado. Embora signifique famoso, célebre, no uso comum da palavra, observa-se a tendência para fama ruim. No caso do estudo obrigatório, poderíamos até usar o famígero, tão “horrorível” e inútil revelava-se aquele tempo de instrução. Podem imaginar o “confinamento” de 40 juvenzinhos em uma sala durante duas horas, à noite, depois de seis aulas e dois tempos de ordem unida ou educação física, um banho rápido, um jantar idem e uma chamada no alojamento, com leitura do boletim? Quem teria imaginado que todos os quarenta estariam doidos para estudar justo naquele momento? Então, o Xerife que assumia o serviço na segunda-feira, de sua carteira em cima do tablado, dava sua orientação, mais ou menos assim: “Vocês sabem que não podem conversar, contar piada, levantar-se, escrever cartas e ler revistas. Quanto às cartas e revistas, como também estarei estudando (como?), não estarei vendo nada...Mas papo não, por favor.” A primeira tarefa do Xerife era anotar o número dos alunos faltosos, no canto superior do quadro-negro mais próximo da porta. Aparecia por lá um sargento com funções de inspetor, que poderia ser o 1S Mustafá, com sua frieza e antipatia impressionantes, ou o 3S “Foca”, um cara obeso de simpatia contida, de cujo nome-de-guerra ninguém se lembra. Esses “inspetores” foram designados em 1958, talvez por terem os alunos de serviço no ano anterior perdido a credibilidade junto ao Departamento de Ensino. Alguns poucos alunos tentavam estudar ou, pelo menos, passar seus apontamentos de aulas a limpo; outros liam suas revistinhas ou escreviam cartas para parentes, namoradas ou correspondentes, como bem descreveu o Amorim no artigo intitulado Correio Sentimental, na edição anterior. Mas havia um bom número de alunos que queriam mesmo era conversar e contar piadas. Da Turma B do 2º ano, por feliz coincidência, faziam parte o Pessoa de Mello, o Bernardini, o Aydano, o Agostinho, o Pena, o Valle e outros notórios gozadores. Como já dito, era considerada a turma mais bagunceira da Escola, a chamada “Black Board Jungle”. Sempre “sobrava” para o Xerife, por conta da algazarra dos últimos dias da semana. Quando o inspetor era o “Foca”, seus passos no corredor eram ouvidos, talvez intencionalmente; já o Mustafá agia sorrateiramente e, com frequência, “dava um flagra” na rapaziada fazendo bagunça. Perguntava, usando de eufemismo (ou seria de cinismo?): “- Chefe de Turma, quem estava conversando?”. Se não lhe fossem passados uns três ou quatro números, o Xerife era “torrado” e não conseguiria justificar-se perante o Comandante de Esquadilha, que iria aplicar-lhe, no mínimo, 4D. Duro mesmo era agüentar a bronca do Cap. Dário, pela falta de energia do aluno de serviço. Nota 2: No Campo dos Afonsos, não havia estudo obrigatório. À noite, as salas de aulas eram franqueadas aos cadetes que quisessem estudar. E cá pra nós, as salas não eram concorridas. A maioria preferia cuidar de outros afazeres, como jogar pôquer no “buraco quente”.

CONCURSOS DE O CON*DOR

Solução do Concurso de Mai-Jun/2006 – Quem era o caldeireiro da EPCAR, nos anos de 1957 e 1958? Nenhum colega lembrou-se daquele “herói anônimo”. Então, recorremos aos Tenentes Lima e Aragarino, hoje brigadeiros da reserva. O CALDEIREIRO era o funcionário civil Sebastião Eliziário. A ele, nossa eterna gratidão.

Solução do Concurso de Jul-Ago/2006 – Quais eram os números dos telefones dos alojamentos das Esquadrilhas do Corpo de Cadetes, na Escola de Aeronáutica? O vencedor foi nosso colaborador Arieis Santana (60-132). Os ramais telefônicos das esquadrilhas eram os seguintes: o 1034 no 1º ano; o 557 no segundo; e o 517, no terceiro. O Arieis conta umas historinhas sobre a pirucação daqueles telefones: *Havia uma acalorada disputa pelo uso deles; regras e horários eram estabelecidos e descumpridos conforme a necessidade, ou a conveniência, ou os argumentos do infrator. Regra fundamental: só se poderia botar o nome na “rela” após o jantar; só que os mais apaixonados passaram a se abster daquela refeição; e aí, que hora era a hora? Bem, após consultar os deuses do Olimpo, o Almir e o Bloise, coincidentemente vizinhos de número, 60-032 e 60-033, decidiram que primeiro falavam eles, um após o outro; e, lá pelas tantas, falava a caterva. No segundo ano, as camas mais próximas do 557 eram a do Agostinho e a minha; ouvíamos de tudo: justificativas mirabolantes, gemidos, suspiros, ais, juras de fidelidade eterna, promessas de que tais fatos não se repetiriam mais; eu e o Agostinho soubemos de coisas que muitos colchões ignoravam.*

Concurso de Set-Out/2006 – Conte um “causo” vivenciado ou presenciado na sala de aulas, em Barbacena ou nos Afonsos, e concorra ao prêmio de vê-lo publicado em O CON*DOR.

PENSAMENTO DE O CON*DOR

“Fui atingido na perna-base, mas consegui pouisar... Eu sou muito feliz! Aqui estou, recuperando-me de um awecezinho, assistido por minha família, por meus companheiros de Turma e por meus colegas de trinta anos de trabalho neste Hospital.”

O Dr. Danilo Cubas, no CTI do Hospital Silvestre, onde foi internado por insistência da família. Cuide-se bem, amigo.



COISAS DO FELICÍSSIMO

O Reynaldo Felicíssimo enviou-nos cinco cartas para atualizar os dados de suas pesquisas. Comunica-se, com frequência, por telefone para falar dos dois netinhos, obter notícias dos companheiros e comentar o momento político nacional e internacional. Informou que Ipatinga, mencionada na edição anterior, ainda não “migrou” de Minas para a Bahia. Sobre nossa idade avançada e decorrentes problemas de saúde, saiu-se com essa: “Após os 60 anos, estamos no lucro e nosso norte mental deve assumir as más notícias com um cínico sorriso no canto da boca.” (Não apoiado, Feliz. Essa não vai para “O Pensamento...”). Sobre sua própria saúde, disse que fez a terceira tentativa de extirpar a próstata, pois foi identificado um tumorzinho lá dentro classificado como T1 pelo Dr. Miguel Srougi, o papa da Urologia, que editou o livro “Próstata: isso é com você”. Desta vez, para fazer biopsia, retirou 17 fiapinhos do complicado órgão e nenhuma célula cancerígena foi encontrada.

Comentando a política nacional, deu a entender que o povo tem sorte com o Lula na Presidência da República. Quando ele assumiu, nossas reservas monetárias eram de US\$ 38 bilhões, dos quais US\$ 20 bilhões foram tomados por empréstimo do FMI. Hoje, além de o Governo ter liquidado a dívida com o FMI (US\$ 25,7 bilhões com juros), livrando-se da ingerência externa em nossa política, o Governo conseguiu amealhar reservas internacionais líquidas de US\$ 80 bilhões (a conferir no Programa Risco Brasil, no Canal 40 GNV/NET). Ele acredita que o Governo Lula vai ser mais eficiente no segundo mandato, desde que o Presidente mantenha a Nação livre de seus amigos do PT. Indagado se o Lula vai continuar com as bravatas em seus discursos, acha melhor deixá-lo agir assim mesmo. (Difícil vai ser agüentar tantas baboseiras por mais quatro anos...e com aquela voz náusea). Nosso amigo concluiu que o “Lulinha” está fazendo um governo histórico. Só faltou dizer que *“u ómi é um istadista”*. Mas aí,...deixou por conta do Ademar Nunes.

Outros dados econômicos e curiosidades históricas de suas recentes pesquisas encontram-se sintetizados em separata.

Amigo Felicíssimo, seus companheiros de Turma, uma vez mais, agradecem sua atenção em divulgar o resultado de suas pesquisas – interessantes e utilíssimas. Saudações BQanas.



NAS AEROVIAS

As dificuldades no SPM

Falar de certos instrutores daria motivo para serem revividas situações extremamente desagradáveis e frustrantes. Mas havia instrutores muito dedicados e competentes; e uma categoria especial de gozadores e “rasgadões”, cujos lances dariam para escrever um livro. Vamos contar alguns, começando com o Vidal (57-164) e o Montero (57-44), que, como seus colegas, pretendiam solar o T-21 Fokker:

O instrutor do Vidal era o Ten. Hanckock, um cara absolutamente louro (podem imaginar a dupla?), que vivia “sacaneando” seus alunos. Para descontrair o candidato a manicaca, no primeiro dia de instrução, após o aluno amarrar-se, mandou que soltasse os cintos e descesse do avião, deixando o pára-quedas no banco; então, começou a “rolar” o avião e ordenou que o aluno reassumisse seu lugar, gritando “corre, corre...”; só que, na aproximação do mesmo, imprimia maior velocidade ao avião...e assim seguiram pela pista de taxiar em inusitada corrida de 100 metros. Um dia, Vidal declarou, de público: “ Não entro mais nesse avião; voar é coisa pra passarinho.” Pediu desligamento da Escola e foi para a AMAN. Lamentavelmente, nosso ídolo Hanckock veio a falecer, pouco tempo depois, em acidente aéreo. Grande amigo. Morreu feliz.

O Montero pegou o Ten. Oliveira no SPM. Ele apanhava seu pára-quedas e jogava nos peitos do aluno. Este já chegava ao avião meio cansado e ainda tinha de assistir ao instrutor abrir o fecho ecler do macacão, “sacar a mangueira” e mijar na bequilha para dar sorte...Montero andava meio traumatizado com tudo aquilo até que foi premiado com um novo instrutor – o Ten. Dickson Lobo, que, em pouco tempo, solou-o com tranqüilidade. O tenente boapraça, não sabemos a que pretexto, desabafou: “A vida de aviador é uma droga; o melhor é ser intendente.” No ano seguinte, nosso colega não ressolou o T-21 e

foi para a Intendência, em que, durante 35 anos, exerceu algumas funções altamente estressantes. E o Dickson Lobo levou sua vida de aviador sempre em alta e, alegremente, veio a fazer história na Força Aérea.

A indisciplina de vôo

Ou quase...Próximo ao Natal de 1959, estava o João Carlos (57-40) voando solo na fase de manobras de precisão (mas não tanto) e, quando saiu de uma *chandelle*, deparou-se com outro T-21 vindo na sua direção. Fez então uma manobra evasiva, que nem naqueles filmes de aviação de guerra (da I Grande Guerra, claro), mas o “piloto inimigo” continuava em sua perseguição. Então, o João “chutou um parafuso” e conseguiu livrar-se do Duncan (57-83), que só queria fazer uma brincadeirinha de voar na ala de outro piloto. Se isso acontecesse e os dois fossem “apanhados no flagra”, ambos seriam sumariamente desligados, por indisciplina de vôo, pois não estavam habilitados nem autorizados para tão arriscada missão. Mas, a tentativa foi observada por um instrutor do SPM, que anotou o número do avião do Duncan e ficou aguardando, no solo, a chegada do intrépido piloto para uma conversa séria. Disse-lhe o instrutor que não iria comunicar o ocorrido ao Chefe do Estágio para não cortar sua carreira, mas o deixaria de licenciamento sustado (não oficialmente) durante trinta dias; autorizaria sua saída somente no Natal. Os colegas laranjeiras que não conseguiram viajar nas férias não entenderam porque aquele garotão da Zona Sul, dono de uma Lambretta incrementada, gostava tanto da piscina do Campo dos Afonsos. O Duncan fica-nos devendo o nome do generoso oficial, que lhe permitiu trilhar brilhante carreira, como piloto de caça e respeitado engenheiro do IME.

Sobressalto em rota internacional

O Comandante Coelho, nosso colega Cad. 60-112, contou ao Arieis Santana, que encaminhou à Redação, um lance muito interessante ocorrido numa rota internacional. Num vôo de Boeing 747, de Roma para Whashington, já na madrugada, quase todos os passageiros dormindo, ele resolveu deixar a cabine e passear pelos corredores da aeronave; de repente, um grito – QUIABO! Era o Aluizio Weber (Cad. 60-118) chamando-o; houve um susto a bordo e o Comandante Quiabo, quer dizer, Coelho retornou à cabine para esclarecer aos passageiros mais afoitos que se tratava de um velho camarada, companheiro de turma, e que há muito não se viam. Como estavam no través da Líbia, certamente, pensou-se que se tratava de algum emissário do Kadafi. (Aguardamos outros feitos heróicos...)

